

## ENTREVISTA/ HERBERT DE SOUZA

# “O estoque de solidariedade não acabou”

REGINA ZAPPA E  
DANIELLA SHOLL

— O que o senhor acha que já mudou desde o começo da campanha?

— Quando a campanha começou, havia uma grande pergunta no ar: será que um tema como esse, a luta contra a miséria e a fome, consegue mobilizar as pessoas? Principalmente porque a campanha tinha uma estratégia nova. Ela apostava em três desenvolvimentos autônomos, cujos vértices são governo, sociedade e mídia. Ligados, porém autônomos. O desenvolvimento de uma ação mista entre governo e sociedade é cheio de indagações relativas ao próprio governo. Nenhuma outra parceria foi feita com o governo Itamar. Havia um campo de risco, mas apostamos. Formamos o Consea (Conselho de Segurança Alimentar), com 21 pessoas extremamente representativas e novas, porque não eram as pessoas clássicas na composição de um conselho. O Itamar respondeu praticamente assumindo todo o discurso que tinha sido proposto: prioridade absoluta, estado de emergência social.

— O que aconteceu efetivamente entre o discurso e a prática?

— O combate à fome e à miséria não virou prioridade do governo. Houve a resposta da sociedade e da mídia. Mas não do governo. Existe uma espécie de descompasso entre o discurso e a ação governamental. Isso se dá em todos os campos. Quando nós colocamos

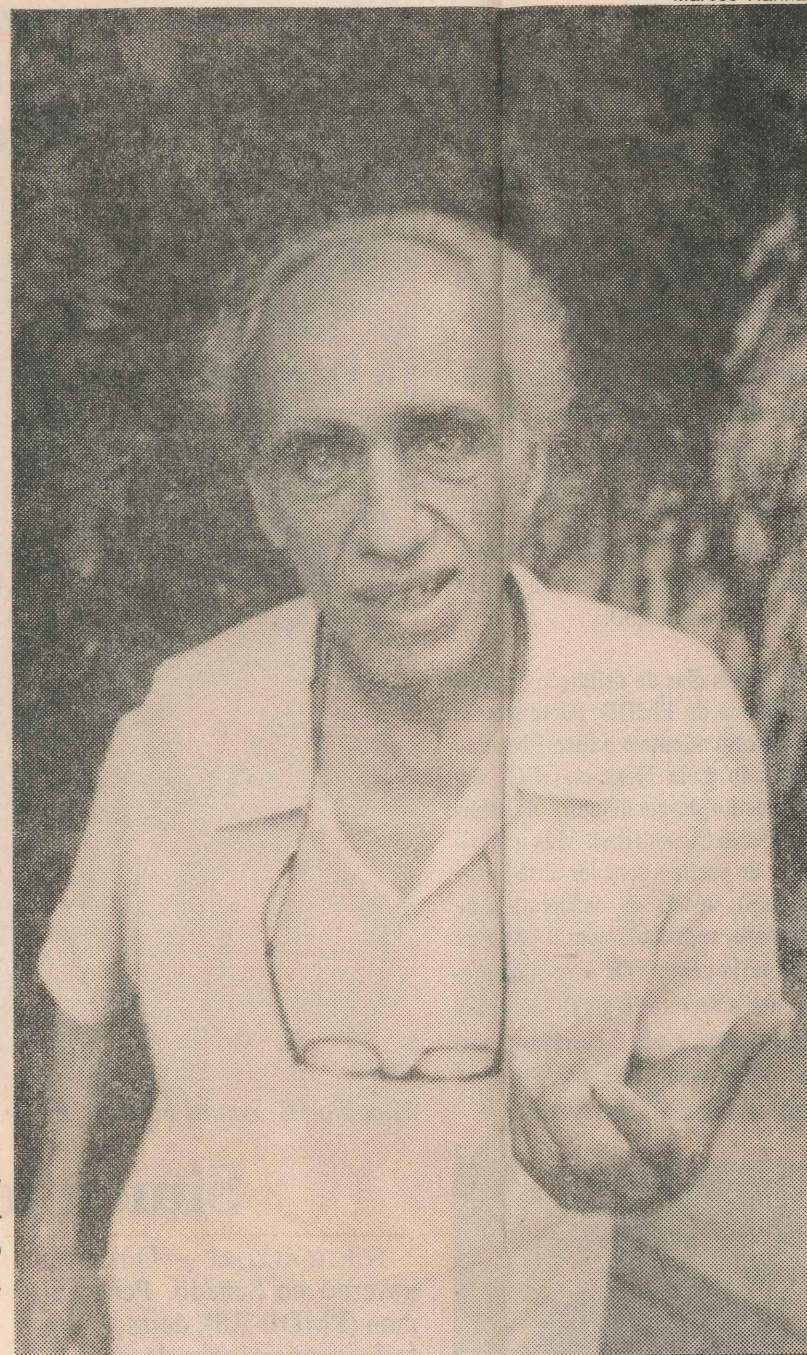
ele pegou os Estados Unidos destrocados, partiu para o combate imediato à miséria. Foi contra todas as ortodoxias econômicas, contra Harvard. Só encontrou apoio na teoria econômica no Galbraith (o economista John Kenneth Galbraith). É o confronto que hoje também se dá. Os economistas não entendem a palavra miséria, ela não existe no dicionário de ciência econômica. Eu continuo afirmando: não é por responsabilidade essencial do Itamar que isso não tenha se transformado em prioridade — ele inclusive fica ressentido quando se faz as críticas.

— Qual a explicação do presidente Itamar Franco?

— O que eu sinto é que o presidente se vê extremamente limitado, e sem meios e recursos para fazer o plano de combate à fome. Eu acho que colocaram na cabeça dele que o Estado brasileiro não tem dinheiro. Só que ele poderia decretar estado de calamidade, requisitar alimentos, estejam onde estiverem, e depois pagar. A imagem que eu tenho do Estado hoje é que ele parece uma galinha amarrada pelos pés e que você toca nela e ela grita. Fica todo mundo com medo de tocar nela e os economistas em geral dizem que essa galinha não coloca ovos. O Fernando Henrique diz que essa galinha está morrendo. O jeito então é esquartejar e distribuir os pedaços da galinha? Isso é um suicídio político.

□ Não foi à toa que a Semana da arte contra a miséria e pela vida foi marcada para começar, no Rio, no dia 7 de Setembro. A pátria livre da fome é o sonho do cidadão Herbert de Souza, o Betinho. Depois de cinco meses do lançamento da campanha contra a fome, o sociólogo admite ter ficado surpreso com a reação da sociedade. “O movimento revelou que o estoque de solidariedade das pessoas não acabou”, afirma. “Hoje, mesmo as pessoas que não se engajaram na campanha, discutem o assunto. Agora, todo mundo sabe que existem 32 milhões de famintos no Brasil”. Mas, o discurso do governo, garantindo prioridade no combate à fome e à miséria, não passou para prática, lamenta. Ele critica a política econômica do ministro Fernando Henrique Cardoso — “pensada para 20% da população” — e diz que o presidente Itamar Franco tem boa vontade, mas está inibido. “O Estado não é o presidente. É todo um mecanismo de interesses, inércias, compromissos explícitos e implícitos”. Para ele, agora é hora de partir para a segunda etapa da campanha: “Se o primeiro gesto foi organizar, mobilizar, gerar consciência, o segundo tem que ser o enfrentamento da miséria via geração de empregos”.

Marcos Vianna



quo. E vem sempre dos dois pólos, da extrema direita e da extrema esquerda. Por isso elas são sempre tão iguais na resultante da sua ação. Acaba ninguém fazendo nada. O tiquete-refeição que você doa não é o que mais importa. O que importa é o gesto. A campanha tem uma estratégia clara. Se o primeiro gesto foi organizar, mobilizar, gerar consciência e fazer as primeiras ações no combate à fome, o segundo passo tem que ser necessariamente o enfrentamento da miséria via geração de emprego. A única forma de você acabar com a fome é gerando emprego. Essa segunda etapa é que será uma batalha.

— Como será essa etapa de geração de emprego?

— Quando eu digo que será uma batalha, é pelo seguinte: porque de novo nós vamos nos confrontar com uma solução nova e a tradicional. A tradicional vai dizer que, para criar empregos, precisa de muito dinheiro, porque cada emprego formal para ser gerado precisa de no mínimo US\$ 20 mil. Mas não é esse o emprego que eu quero. Para combater a miséria a curto prazo, para deslançar o processo, você precisa de um emprego de US\$ 100 por mês e um trabalho com baixas exigências do ponto de vista da qualificação. É, portanto, resultante de uma mobilização de recursos públicos, através de obras públicas. As empresas vão recolher o resultado disso em vendas, no aumento do consumo. É um



campos. Quando nós colocamos que a fome e a miséria tinham que se transformar em prioridade absoluta do governo, nós não só reivindicávamos a prioridade de todas as ações do governo, como nós também fizemos um discurso para diferenciar prioridade de prioridades. Na verdade, ou se tem uma prioridade ou não. Então, nós estávamos defendendo que, uma vez declarada a prioridade, tudo o que o presidente fizesse, tudo o que os ministros fizessem, tudo o que o governo fizesse tinha de ter essa marca. Então, tinha de ser prioridade para o Fernando Henrique, para o ministro das Minas e Energia. E não é. Há, portanto, uma contradição de fato entre o discurso do governo e a ação do governo.

— **Mas esse descompasso é responsabilidade de quem? O presidente Itamar não está empenhado?**

— Olha, tudo que se pede ao Itamar, ele topa. O descompasso é que o Estado não é o presidente. O Estado é todo um mecanismo de interesses, de inércias, de compromissos explícitos e implícitos. Eu digo que o Estado brasileiro não está efetivamente disposto a colocar o combate à fome como prioridade. Só houve um momento em que eu fiquei um pouco esperançoso de que a coisa pegasse. Foi quando o Itamar falou no *New Deal* do Roosevelt. Aí, eu disse: “É esse o exemplo.”

— **Por que?**

— Quando o Roosevelt chegou,

suicídio político.

— **Como o senhor avalia a política do Ministério da Fazenda?**

— No Ministério da Fazenda, a questão da miséria e da fome está embutido no plano econômico, é um componente do Plano, quando o que eu desejaria era o contrário. Queria que o plano econômico do governo fosse um elemento essencial do combate à fome e à miséria. Não é que o Fernando Henrique negue ou desconheça a questão, mas ele acha que isso será resolvido no dia em que a inflação acabar.

— **Como deveria ser esse entendimento?**

— Ele não fala em geração de emprego, de emergência, não fala da fome. A fome se traduz em ação emergencial, ela não é estrutural, porque para quem sente fome, ela é aqui e agora. Para mim, essa é uma economia visivelmente pensada para 20% do país. Nós na campanha estamos verbalizando os 80% que não têm voz. Estamos pedindo muito pouco. Falamos em cidadania, que começa pelo ato de comer. É muito pouco e é barato, e nem esse preço se paga. Eu quero deixar claro para o Itamar que eu não estou implicando com o governo dele. Isso é uma coisa do grupo dominante. Os grandes empresários têm a mesma conduta. Eles podem chorar de emoção diante da miséria, mas esse choro não se manifesta de nenhuma medida efetiva de

mudança. São lágrimas de crocodilo.

— **A campanha então não avançou em nada no campo governamental?**

— Alguma coisa conseguimos. A lista dos projetos prioritários nessa área o Consea conseguiu retirar da área do corte orçamentário. Já foram feitas distribuições de 100 mil toneladas (segundo o governo, a maior distribuição de alimento já feita), mas agora está se discutindo a distribuição de uma cesta básica durante 4 meses para 1,5 milhão de famílias. Só que isso é apenas uma partezinha. No plano da ação da cidadania e na reação da sociedade, aí sim, houve avanço.

— **O tema mobilizou a sociedade.**

— A dúvida que nós tínhamos se isso iria ou não despertar reação positiva das pessoas já está respondida. Desperta e é surpreendente quando desperta. Portanto, podemos afirmar hoje com tranquilidade que, assim como há a onda da violência, dos massacres, existe uma onda de solidariedade, uma energia, impulsos de solidariedade absolutamente imprevistos. O movimento revelou que o estoque de solidariedade das pessoas não acabou. A sociedade entendeu a proposta, formou comitês (são 3 mil no Brasil), exerceu sua cidadania. Todo mundo sabe que existem 32 milhões de brasileiros famintos no Brasil.

— **O movimento é mais concentrado no Rio?**

— Não, é em todo o Brasil. Eu estive em Manaus, Fortaleza, Recife, Porto Alegre, Belo Horizonte, São Paulo. Capitais e interior. O movimento no interior de São Paulo é muito grande. Procurem saber por exemplo o que está acontecendo em Jundiá. No interior do Rio também a mobilização é enorme. Se você pegar a agenda do Dom Mauro Morelli (bispo de Duque de Caxias e presidente do Consea), é de enlouquecer. Esse negócio me contagiou tanto que eu quase morri. Essa estafa por pouco me levou. Uma vez em Belo Horizonte fiz cinco discursos diferentes, inclusive uma passeata e um comício. Cinco atos contra a fome num mesmo dia e numa mesma cidade é surpreendente.

— **O senhor comentou certa vez que se surpreendeu com a mobilização da classe artística.**

— Me surpreendi com as condutas novas. Você veja: o mundo artístico dificilmente se une dentro de suas categorias e também entre categorias. Eu já participei com o Chico Buarque de algumas tentativas nesse sentido, como no *Terra e Democracia*, no *Se Liga Rio*, mas dessa vez os caras se engajaram e conduziram o bonde sozinhos. Eu fui a duas reuniões há três meses e nunca mais. Eles continuaram se encontrando se-

manalmente, se dividiram em comissões, organizaram shows como esse que reuniu os seis maiores astros da música popular em São Paulo, a *Semana da Arte contra a Miséria e Pela Vida*. Outra classe difícil de unir é a dos publicitários. Um publicitário só abraça o outro quando está bêbado, o resto é competição feroz. Pois tem 17 agências trabalhando juntas para a campanha. Por que eles se uniram diante de uma coisa com a qual eles não têm nada a ganhar? Eu acho que isso é ética, a reserva de humanidade que ainda está por aí. Mas a solidariedade é assim: ou você a exercita ou ela morre.

— **Há dois tipos de crítica ao movimento completamente opostas. Uma delas diz que esse tipo de campanha é um alimento para o modelo neo-liberal porque você coloca o problema para o cidadão, em termos de assistencialismo, acabando com o sentimento de revolta. A outra crítica, que vem especialmente de São Paulo, diz que, no fundo, essa é uma campanha do PT. Como o senhor responde a elas?**

— Eu sou o primeiro a dizer que essa campanha é cheia de riscos. Ela não tem só esses riscos, tem outros. Só que essa argumentação do risco para mim é medo. São as pessoas que não me oferecem alternativas. Então não vamos fazer nada. E o que acontece? Pra mim essa argumentação é do imobilismo, da manutenção do status

no aumento do consumo. É um processo multiplicador de renda. Ao invés de começar por cima, começa por baixo. Só que você precisa convencer prefeitos, governadores, o presidente, empresários e a opinião pública de que esse é o caminho. Em breve a gente terá exemplos de prefeituras fazendo isso.

— **Onde as prefeituras conseguem recursos para essas obras públicas?**

— As prefeituras têm. A idéia é muito simples. Pegue o Mapa da Fome, onde estão quantificadas as famílias miseráveis por município. Alguns municípios têm 200 famílias indigentes. Outros têm mil, 30 mil. As grandes concentrações são em algumas poucas grandes cidades. Se você somar só os orçamentos e as obras públicas já financiadas nos municípios, você resolve 50% do problema. Campinas pode resolver o problema de seus indigentes com o seu orçamento já dotado. Angra dos Reis resolve o problema e ainda leva troco. Campos, idem. É claro que em algumas cidades você vai precisar de apoio federal e estadual, mas outras poderão caminhar por conta própria.

— **A campanha tem uma terceira etapa?**

— Esse será o momento da cidadania. É quando a gente vai poder dizer: “Bom, as pessoas comem, as pessoas trabalham, então é o momento de reconstruir o Brasil”.